

Artesanato Quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia

*Assunção Jose Pureza Amaral**

Resumo

O trabalho é resultado de pesquisa que envolveu revisão bibliográfica e pesquisa de campo na região do Baixo Amazonas; os atores sociais envolvidos são os quilombolas; a proposta visa a compreender o artesanato como um dos elementos de identificação étnica de grupos na Amazônia, sobretudo pelas comunidades remanescentes de quilombo.

Palavras-chave: Amazônia. Artesanato. Identidade. Quilombo.

Artesanato e identidade na Amazônia

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz uma flor.
Torce, aprimora, altera, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima
Como um rubim.
Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito.
(Olávio Bilac, Profissão de Fé)

A história e a pré-história da Amazônia são marcadas por antigas culturas de diferentes povos e etnias que por aqui passaram e se desenvolveram. Meggers e Gross (apud MORAN, 1990), consideraram o meio ambiente amazônico como determinante para o desenvolvimento de sociedades e grupos sociais diversos.

Roosefelt (1991), em análise crítica à teoria do determinismo ecológico na América do sul, revela, a partir de uma metodologia que inclui registros empíricos arqueológicos e etnohistóricos, que as populações amazônicas sofreram adaptações desde a pré-história e estas passaram, então, a se ressentirem a partir do contato com o colonizador europeu. Os padrões etnográficos revelam que a deterioração da vida e da cultura destas populações está mais relacionada aos pós contato social, político e econômico das populações indígenas com o povo externo do que através de sua adaptação original ao meio ambiente, as condições e ofertas de recursos naturais. Diversos grupos e etnias se encontraram, ao longo de séculos e milênios, levando à ocorrência de superposição de culturas e nesses encontros surgiram as diversas identidades regionais e locais que hoje conhecemos.

Os traços e os elementos culturais, como as artes, as cerâmicas e os diversos tipos de artesanatos são exemplos dessas marcas que

fazem da cultura amazônica e do Baixo Amazonas paraense uma expressão particular em nível nacional e internacional.

Levantamento feito pela Secretaria de Educação e Cultura, ligado à prefeitura da capital paraense informa que:

A Cerâmica é uma das mais antigas e expressivas tradições culturais brasileiras. E na Amazônia, particularmente, essa tradição se manifesta com uma beleza plástica extraordinária e diversa, fruto da diversidade cultural e do grau de desenvolvimento dos povos que habitam a região em tempos pré-coloniais, como são os casos das cerâmicas marajoara, tapajônica, maracá, konduri, entre outras. O trabalho criterioso de (Mestre) Cardoso e de todo artesão ceramista que se preocupa com as origens mais remotas das cerâmicas, mesmo numa linha de produção necessariamente comercial, contribuem de forma expressiva e decisiva para a continuidade e a divulgação dessa tradição milenar, bem como manter viva nossa memória e identidade étnica. (PMB/SEMEC, 1996, p. 04).

O artesanato constitui-se uma prática fundamental no processo de aprendizado e educativo de grupos sociais. O processo de aprendizagem por parte de um artesão ocorre geralmente através da transmissão de conhecimento e informações de pais aos filhos, que, por sua vez, aprenderam com seus pais e avós, transmitindo de geração a geração, todos responsáveis pela tradição e inovação do produto que ao mesmo tempo é identidade, arte, lazer, trabalho, profissão e subsistência. É interessante a preocupação de alguns antropólogos, dentre eles Bronislaw Malinowski (1976), com o caráter educativo das práticas populares, como lembra Brandão (1995).

Os artefatos cerâmicos arqueológicos a seguir (imagem 1, 2, 3, 4, 5) foram encontrados no quilombo Bom Jardim, localizado na região do Baixo Amazonas. Os objetos são encontrados pelos próprios moradores nos quintais das casas e nas plantações, indicando que a área foi habitada no passado, supostamente por populações indígenas.



Imagem 1: Cerâmica arqueológica encontrada no quilombo Bom Jardim – Baixo Amazonas (Fotos: Assunção Amaral, 2007).

A arte, produto do trabalho e do esforço do artesão, é aprendida através da observação, do olhar, da prática do dia-a-dia, do fazer fazendo, sem escola, mas com os mestres, os experientes, os mais velhos, aqueles que são responsáveis em transmitir aos pequenos aprendizes, futuros mestres, seus saberes e seus “dons”, mas também responsáveis pela dinâmica do mesmo (FREIRE, 1989; 1996).

O mundo do artesão e a arte artesã são marcados pelo mundo real e simbólico dos artesãos. Constantemente as obras de arte de um artesão expressam o mundo em que ele vive, são representações simbólicas do mundo real, como, por exemplo, as produções feitas na região do nordeste do Pará, principalmente no município de Abaetetuba, como: casas simples feitas com a fibra do miritizeiro; fauna e flora regional, como pequenos animais (pássaros, cobras, aves) feitos com massas ou madeiras; pássaros da floresta; aves criadas no quintal; cobra, representando perigo; além de outros, como caças; gaiolas, onde são colados alguns animais; as embarcações comuns nos grandes rios, riachos e igarapés amazônicos; os paneiros que

servem de sacolas na região amazônica; místicas, lendas, sol, lua, fertilidade, sexualidade, além de ornamentos específicos da região amazônica, são produzidos com recursos e elementos das localidades, como barro, argila, sementes, pigmentos minerais, madeiras, cascas, folhas de árvores, penas etc.

Percebe-se que existe uma representação quase que teatral do universo do cidadão, do índio, do negro, do caboclo, do povo da região. Os tabus, os mistérios, bem como a constante preocupação com o uso equilibrado ou sustentável das espécies vegetais, animais e minerais, são outros elementos que embebem a produção artesanal da região, são habitus internalizados e práticas externalizadas (BOURDIEU, 2004, 1992, 1992b, 1999; BOURDIEU et al, 1999, 1992).

Alguns artesãos seguem rituais específicos ao prepararem suas obras de arte: selecionam as espécies entre as diversas existentes; escolhem a estação do ano apropriada; não colhem o produto em dias santos, domingos ou feriados; respeitam o horário de descanso das espécies, quase sempre depois das seis horas da tarde, por ser considerado horário perigoso no imaginário local para se entrar na mata e extrair espécies; preferem dias de lua; não deixam mulheres menstruadas pegarem ou manusearem o produto; não realizam a produção próximo de pessoas consideradas com “olho-gordo”, “secador(a)” ou “panema” (pessoas consideradas com energia negativa).

Todos os cuidados são para que a obra de arte não se decomponha ou torne-se feia, o que seria prejuízo para o artesão. Ou sem um defeito, como lembra Olavo Bilac, no poema Profissão de Fé, ao comparar a arte do poeta parnasiano como a arte do artesão de oficina: “Quero que a estrofe cristalina, dobrada ao jeito do ourives, saia da oficina sem um defeito”. Sobre o assunto, vejamos o que está descrito no documento da Secretaria de Educação, da Prefeitura Municipal de Belém:

Dona Lúcia, a exemplo das demais mulheres indígenas da Amazônia, trabalhava a cerâmica de forma ritualística. O barro

era extraído dos rios, na Lua cheia, quando os espíritos eram evocados, a fim de autorizarem a retirada da argila da terra. A argila era misturada a casca da árvore da caraípe, que queimadas e trituradas, tinham o poder de desengordurar a massa. Para esse mesmo fim, usava-se o chamote – caco de cerâmica queimada e triturada no pilão. (PMB/SEMEC, 1996, p. 11).

Artesanato, identidade e etnicidade quilombola na Amazônia

A produção de artesanato também identifica as comunidades que se representam como étnica ou como quilombo. Na comunidade remanescente quilombo Bom Jardim, no município de Santarém, localizado a oeste do estado do Pará, na região do Baixo Amazonas, percebemos a presença desta prática no cotidiano dos nativos. No caso do quilombo Bom Jardim aparecem nas falas dos nativos alguns elementos como, por exemplo, o cipó usado na construção de casas, as fibras das palmeiras de arumã (ou aruman: *Ischnosiphon obliquus* e *Ischnosiphon ovatus*) e tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), palhas da palmeira de inajá (*Maximiliana maripa*) ou de inajazeiro (*Maximiliana maripa*), recursos bastante utilizados na comunidade e resultado de práticas aprendidas por sucessivas gerações, que contribuem na identidade do grupo.

Deuzarina dos Santos, professora da comunidade, lembra que confeccionaram na comunidade um vestido de miss ou rainha com produtos ou recursos naturais da própria comunidade, como sarrapilha, tala da palmeira jará/jarumã (*Leopoldinia pulchra* Mart.); flor do batatão (*Operculina alata* (Harm.) Hub.) envernizada; flor de envira; tento (semente vermelha); olho-do-boi (*Anthemis Tinctoria*) (uma semente semelhante a do muçajá (*Acrocomia sclerocarpa*)); todos colados no vestidos, além de vários tipos de conchas encontradas na beira do rio Maicá. Ela afirma que essa prática foi criada sem que houvesse um instrutor específico. Ela também mostra um chapéu que foi feito de palha, enfeitado com flor de envireira (*Crematosperma* sp.) e flor do

batatão (*Operculina alata* (Harm.) Hub.). Entre os motivos para a escolha destes recursos estão: a envireira (*Crematosperma* sp.) é roxa e a flor do batatão (*Operculina alata* (Harm) Hub) é preta; a primeira é dura e a segunda demora a se decompor (Deuzarina dos Santos, 47 anos, em 12/07/07).

Sarrapilha são fibras naturais originárias do sisal (*Agave sisalana*); tecido rústico feito à elaboração de sacos para guardar cereais (MONTEIRO, 2002, p. 44).

As fibras das palmeiras arumã (*Ischnosiphon obliquus* e *Ischnosiphon ovatus*) e tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), as palhas das palmeiras inajá ou de inajazeiro (*Maximiliana maripa*) são os elementos fundamentais na confecção do artesanato. Em relação ao artesanato, uma família no quilombo confecciona paneiros, peneiras e tipitis, pequenos adornos, para venda, mas afirma que tem dificuldade em atravessar a produção para o centro da cidade em decorrência das dificuldades de transporte na comunidade.

Cada artesão tem uma história para contar e cada arte ou cada produto feito por um artesão tem um significado particular em cada contexto, a exemplo do boto, da cobra-grande, da matintaperera, do saci-pererê, do curupira etc.

Na residência do casal do quilombo Bom Jardim, Maria Joana Guimarães dos Santos e Manuel de Orlando dos Santos, feita de madeira, há um fogão feito de barro coberto com palha de inajazeiro (*Maximiliana maripa*), palmeira de onde se tira também o fruto do inajá (*Maximiliana maripa*). Com as talas do arumã (*Ischnosiphon obliquus* e *Ischnosiphon ovatus*) também são confeccionadas as peneiras para preparar o vinho do açaí. O casal Joana e Manuel tece o artesanato, ele pega os recursos diretamente do igapó de onde também se extrai o açaí (*Euterpe oleracea*), do próprio território quilombola.

Dona Joana revela que faz artesanato desde os oito anos de idade e que ela aprendeu com sua mãe, há muitos anos atrás. A mãe e o pai dela teciam e ela amarrava as beiras, assim foi aprendendo, portanto, fora do ambiente da escola formal. Ela con-

ta que sua mãe fazia de duas a três dúzias de artesanatos por mês, como peneiras, abanos, tupé, cestas. D. Joana diz que sua mãe aprendeu a arte da tecelagem com o marido dela, pai de Joana, que nasceu no Retiro, localidade aqui em Bom Jardim. D. Joana estudou até a 3ª série do antigo primeiro grau, hoje seu trabalho inclui atenção, percepção, noções de cálculo matemático, geometria e simetria; ela faz quibano, além do tessume (tecer) da peneira.

O processo de artesanato segue o seguinte caminho, primeiro extrai-se o arumã (*Ischnosiphon obliquus* e *Ischnosiphon ovatus*) no igapó; em seguida, tira-se a bucha dele, depois a tala e, em seguida, é feita a tecelagem. A tala é separada do bagaço e ainda raspada para tirar a sujeira e se fazer o tessume, disso resulta um jogo de cores nas talas com listas amarelas e esverdeadas, pois são misturadas e utilizadas diferentes qualidades de talas consideradas “boas e ruins” por eles, demonstrando a preocupação que essas comunidades quilombolas têm com o aproveitamento dos recursos naturais.

As imagens abaixo mostram o artesanato quilombola, as habilidades e práticas de confeccionar usando recursos locais, por uma moradora da comunidade Bom Jardim, que revelam a identidade do grupo étnico quilombola.

Entre os quilombolas da Amazônia é comum a prática da utilização e do aproveitamento de materiais oriundos da natureza, como por exemplo, a palha e a fibra de algumas árvores da região, utilizadas para confeccionar artesanato.

As talas do arumã (ou aruman: *Ischnosiphon obliquus* e *Ischnosiphon ovatus*) também servem para confeccionar as peneiras para preparar o vinho do açaí e extrair o tucupi da massa de mandioca. Os principais artesanatos fabricados são as peneiras (imagens anteriores), os abanos, os paneiros e os quibanos; estes produtos artesanais podem ganhar variados tipos de tecelagem de acordo com a característica ou finalidade do produto fabricado, nas imagens referidas podemos visualizar essas diferenças no tipo da tecelagem.

Nas imagens anteriores pode-se observar uma artesã do

povoado Bom Jardim confeccionando uma peneira, elemento indispensável no preparo do vinho do açaí; prática que também exige um conhecimento em matemática, a etno-matemática, conforme a aceção de Ubiratan D'Ambrosio (2005).

As diversas gerações são responsáveis pelas práticas que estão sendo repassadas para as novas gerações como saber compartilhado ou pedagogia comunitária (MUÑOZ, 2003), como saber local (GEERTZ, 2000) ou ainda como ciência do concreto (LÉVI-STRAUSS, 1970).

Dentro da explicação do conhecimento e saberes aprendidos localmente, dentro das práticas educativas, da pedagogia comunitária, também encontra-se explicação de como fazer fogão a lenha com barro. O fogão é feito manualmente; a trempe é preparada com barro seco batido com os pés, depois de retirado do buraco é colocado em cima da grade; passa, então, a ser chamado de trempe; a grade é feita de madeira sobre a qual fica a trempe, que forma o fogão.

D. Joana diz que sabe fazer vassoura com outro tipo de recurso, o chamado cipó titica (*Heteropsis flexuosa* e *Heteropsis spruceana*), do qual ainda são feitos cestos e paneiros; este tipo de produção específica ela aprendeu na Comunidade Sacrifício, localizada na rodovia do Curuá-Una, próximo à localidade Boa Esperança, em Santarém. A vassoura também é feita de palha de abacabeira (*Oenocarpus bacaba* Mart), como afirma D. Joana.

Valdirene Guimarães dos Santos, 15 anos, filha de D. Joana, e Zenilda de Oliveira de Jesus, 19 anos, nora de D. Joana, confeccionam tapetes com plásticos oriundos de sacolas de supermercados e mercearias. Elas cortam os plásticos em tiras com uma tesoura e com o auxílio de uma agulha de crochê tecem os plásticos, resultando em belos tapetes. (Trabalho de campo e entrevista com D. Maria Joana Guimarães dos Santos, 49 anos, em 12/07/07).

Embora não sendo recursos naturais da comunidade, os quilombolas também reutilizam sacolas plásticas na confecção de seus artesanatos, como podemos notar nas imagens a seguir. As sacolas plásticas são transformadas em diversos utensílios, tais

como: tapetes, panos de mesa, chapéus etc.

Nas imagens anteriores, pode-se encontrar outra espécie de artesanato, fabricado a partir do reaproveitamento de restos de cuias de árvores, que são adaptadas e transformadas em vasilhas para utilização local e que identifica etnicamente o grupo quilombola de Bom Jardim. E, como diz um antigo ditado popular, “quem conta um conto aumenta um ponto”, assim também fazem os artesãos, não se limitam em apenas reproduzir sem inovar, eles são os responsáveis pelo dinamismo e pela atualização dos novos artesanatos, é a intermediação dialética entre o novo e o velho, entre o tradicional e o moderno; daí a inovação constante que é acrescida à produção a cada ano que passa.

Esse dinamismo revela a capacidade dos grupos étnicos resolverem à sua forma, os problemas colocados aos seus tempos. Diante de um mundo cada vez mais voltado para grande produção em escala global, internacional, o artesão e seu produto aparecem como alternativas tanto de trabalho, de sociabilidade, de sobrevivência, quanto de reação inteligente aos novos tempos. Eles não desaparecem, não ficam estáticos, pelo contrário acompanham o desenvolvimento da sociedade e propõem algo a ela.

Apesar da ausência de intercâmbio que facilitaria e incentivaria a socialização contínua entre artesãos e comunitários/populares e outras experiências, dentro de seus saberes, essas pessoas atuam como mestres da região que conhecem a realidade, os objetos manipulados, falam a mesma linguagem dos consumidores, contornando, assim, o etnocentrismo, a imposição cultural e a avaliação negativa de olhares externos às tradições seculares locais, no sentido de valorizar os personagens da sua cultura e se identificar enquanto grupo étnico. Esse conjunto de informações expressa bem como grupos específicos reafirmam a sua identidade étnica, como comunidade ou como quilombola, internalizam certos *habitus* que permitem revelar capitais simbólicos e culturais sobre a sua existência.

As imagens acima mostram outros tipos de artesanatos e, ao mesmo tempo, utensílios e objetos usados e/ou fabricados no

quilombo Bom Jardim. Nelas, pode-se observar uma demonstração da reprodução de prática do aprendizado local. As crianças, os adolescentes e jovens dessa comunidade estão sempre presentes em algumas interações/práticas sociais adultas, o que possibilita o aprendizado, *habitus*, a produção, a reprodução das tradições, das práticas e dos costumes locais. Na imagem anteriores, pode-se observar a utilização, por crianças, de um típico pilão para moer alimentos; aqui elas estão brincando e aprendendo, praticando atividade que em nossa sociedade seriam consideradas de adultos, mas que compensam a ausência e a falta de certas atividades típicas do mundo urbano, estamos diante da identidade do grupo.

As brincadeiras de crianças que a figura revela, também demonstram a produção e a reprodução do aprendizado físico-mental no povoado. Nas figuras anteriores pode-se visualizar a fabricação de artesanato por adolescentes, sob a supervisão/ensinamento de uma mulher adulta experiente e o olhar de uma criança aprendiz.

Esse capital cultural que flui na linguagem dos quilombolas também precisa ser analisado cientificamente pela academia no sentido de relativizar os saberes e conhecimentos existentes. Essa diversidade de recursos oriundos de uma pequena amostra da floresta amazônica localizada em uma pequena comunidade de um município revela o conhecimento tradicional acumulado através de dezenas de anos e até séculos, repassado de geração a geração, expresso na linguística e na semântica do conhecimento popular que se transforma em ensino-aprendizado não incluído, discutido, ensinado e aprendido nas escolas oficiais, que integra o currículo oculto das escolas e por isso identifica o grupo étnico.

Grupos como os quilombolas estudados desenvolvem práticas e formas específicas de relação com os recursos naturais de seus territórios; possuem sistema de *habitus* internalizados e externaliza por meio desses saberes, conhecimentos e práticas voltados para a utilização de recursos do território, contribuem para a manutenção do grupo e para a identidade étnica dos quilombolas, sobretudo na Amazônia brasileira.

Notas

* Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais; Especialista em Educação e Problemas Regionais; Mestre em Planejamento do desenvolvimento – PLADES, Doutor em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental, pelo NAEA/UFGA. E-mail: amaralilian@terra.com.br

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude;

PASSERON, Jean-Claude. A Profissão de Sociólogo – Preliminares Epistemológicas. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. O poder simbólico. Lisboa: DIFE; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1992b. (Coleção Memória e Sociedade).

_____. Escritos da educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

_____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. -13 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, (Coleção Primeiros passos), 1995.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura), 1996.

GEERTZ, Clifford. O Senso Comum como um Sistema Cultural. In: O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. PS. CIA Ed. Nacional, 1970.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Pensadores. Argonautas do Pacífico Ocidental - um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipelagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1976.

MONTEIRO, Giovani Siqueira. O Desenho como Elemento Gráfico na Criação da Roupas. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Educação Artística – Habilitação Desenho) - Universidade da Amazônia, Belém, 2002. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/o_desenho_como_elemento.pdf>. Acesso em: 30 out. 2007.

MORÁN, E. Ecologia Humana das Populações da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1990.

MUÑOZ, Nogueira et. al.. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFT, Enrique. A complexidade ambiental. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

ROOSEFELT, Anatol. Determinismo Ecológico na Interpretação do Desenvolvimento Indígena da Amazônia. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Coleção Emilie Snethlage, Belém, 1991.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMEC/
PMB. Mestre Cardoso: a arte da Cerâmica Amazônica. Belém: SEMEC, 1996.

Abstract

This article is the result of a survey which involved bibliographic review and field research in the region of Low Amazon; the social actors involved are the quilombolas; the research environment is the region of the Low Amazon; the proposal aims at comprehend the discussing the craftsmanship as component of ethnic identity in Amazon, overcoat for communities remaining from the quilombos.

Keywords: Quilombo (hinterland settlement originally created by runaway slaves in Brazil). Craftsmanship. Identity. Amazon.